



BANCO CENTRAL DO BRASIL

Diretoria de Política Econômica

Gerência Executiva de Relacionamento com Investidores

Série “Perguntas Mais Frequentes”



Contas Externas 8

Contas Externas¹

Este texto integra a série “Perguntas Mais Frequentes”, editada pela Gerência Executiva de Relacionamento com Investidores (Gerin) do Banco Central do Brasil, abordando temas econômicos de interesse da sociedade. Com essa iniciativa, o Banco Central do Brasil vem prestar esclarecimentos sobre diversos assuntos da nossa realidade, buscando aumentar a transparência na condução da política econômica e a eficácia na comunicação de suas ações.

¹ Publicado com informações disponíveis até o fim de julho de 2003.

Perguntas Mais Frequentes sobre Contas Externas

Agosto de 2003

Sumário

1.	<i>Como são divulgadas as contas externas brasileiras?</i>	4
2.	<i>Qual a estrutura do Balanço de Pagamentos?</i>	4
3.	<i>Como a conta corrente brasileira tem evoluído?</i>	4
4.	<i>O que causou a queda recente do déficit em conta corrente?</i>	5
5.	<i>O que são as necessidades de financiamento externo?</i>	6
6.	<i>O que são os Usos e Fontes do Balanço de Pagamentos?</i>	7
7.	<i>Qual a evolução recente dos fluxos de investimentos estrangeiros diretos (IED)?</i>	8
8.	<i>Qual o tamanho da dívida externa? Qual sua evolução recente?</i>	8
9.	<i>Que proporção da dívida externa é pública?</i>	9
10.	<i>Quais os pagamentos de juros e de amortizações programados para a dívida externa?</i>	9
11.	<i>Qual o cronograma esperado de amortização de principal e de pagamento de juros até o final de 2003?</i>	10
12.	<i>Qual a composição da dívida externa por instrumento?</i>	12
13.	<i>Qual a composição da dívida externa por moeda?</i>	13
14.	<i>Que proporção da dívida externa está contratada a taxas de juros fixas?</i>	14
15.	<i>Qual tem sido a evolução das reservas internacionais? O que são reservas líquidas?</i>	14
16.	<i>Qual a evolução recente das linhas de crédito comerciais banco a banco?</i>	15
17.	<i>Onde posso obter maiores informações e dados atualizados?</i>	16

Contas Externas

1. Como são divulgadas as contas externas brasileiras?

Desde janeiro de 2001, o Banco Central divulga as contas externas brasileiras segundo a metodologia recomendada no “Manual do Balanço de Pagamentos” (5ª edição, 1993) editado pelo Fundo Monetário Internacional. Esse manual define as normas internacionais para a apuração das contas externas de forma integrada, englobando os dados de fluxos (o Balanço de Pagamentos propriamente dito) e os dados de estoques de ativos e passivos financeiros internacionais do País.

2. Qual a estrutura do Balanço de Pagamentos?

O Balanço de Pagamentos (BP) é estruturado em dois grandes grupos de contas:

- a conta corrente, que agrega a balança comercial, a balança de serviços e rendas e as transferências unilaterais correntes líquidas; e
- a conta capital e financeira, que agrega os investimentos diretos e em carteira de estrangeiros no País e de brasileiros no exterior, além de operações com derivativos e outros investimentos.

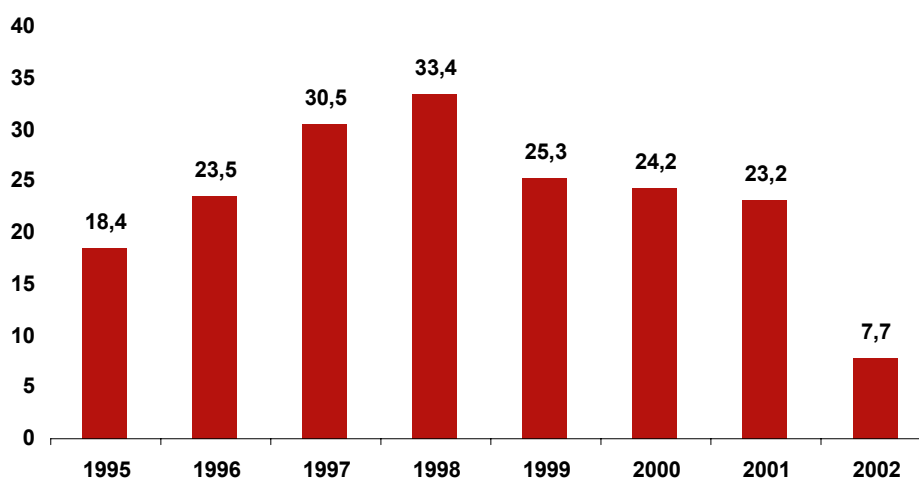
A soma dos resultados das contas corrente e capital e financeira constitui o resultado global do BP, que por definição é igual à variação das reservas internacionais no conceito liquidez internacional. Erros e omissões podem dar margem a uma discrepância estatística entre os dois fluxos, que é devidamente registrada no Balanço de Pagamentos.

3. Como a conta corrente brasileira tem evoluído?

Como se observa no Gráfico 1, a conta corrente brasileira pós-Plano Real (1994) apresentou duas tendências opostas. Até 1998, os déficits foram crescentes, atingindo o pico histórico nesse ano (US\$33,4 bilhões, equivalentes a 4,2% do PIB). A partir de 1999, todavia, com a adoção do regime de câmbio flutuante, verifica-se um ajuste gradual das transações correntes brasileiras, fechando 2002 em US\$7,7 bilhões ou 1,7% do PIB.

Destaque-se que, no período de 12 meses encerrado em junho passado, a conta corrente registrou um superávit de 0,3% do PIB, seu primeiro resultado positivo desde 1994. A expectativa do Banco Central é fechar o ano de 2003 com um déficit em conta corrente abaixo de 1% do PIB.

Gráfico 1
Déficit em Conta Corrente
(US\$ bilhões)

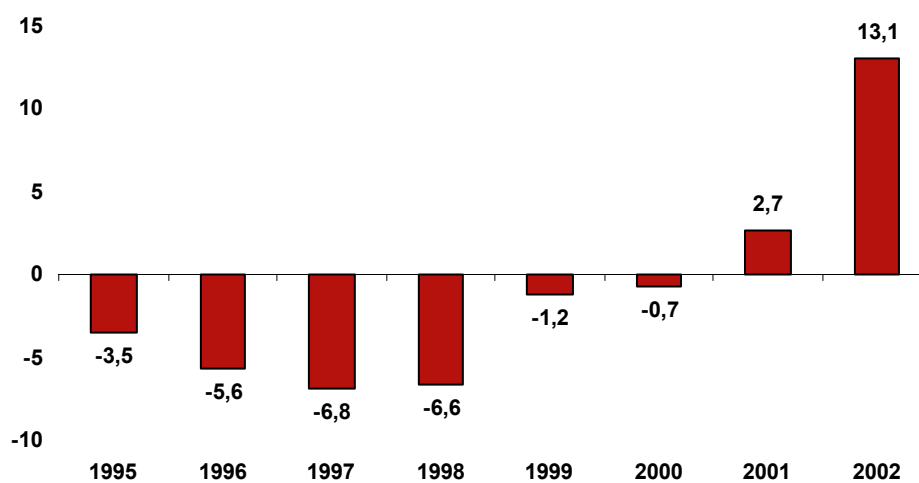


Fonte: Banco Central do Brasil

4. O que causou a queda recente do déficit em conta corrente?

A diminuição do déficit em conta corrente após 1999 é basicamente explicada pela melhora do saldo comercial. Como demonstrado no Gráfico 2, o aumento do saldo comercial do Brasil entre 1998 e 2002 somou US\$19,7 bilhões, respondendo por cerca de $\frac{3}{4}$ da redução do saldo em conta corrente no mesmo período.

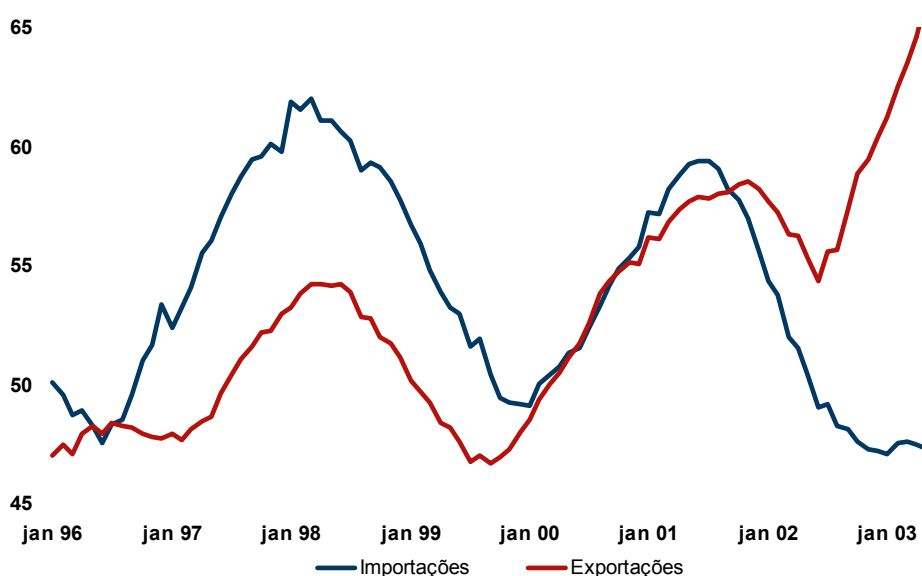
Gráfico 2
Balança Comercial
(US\$ bilhões)



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

A melhora da balança comercial decorreu de um aumento gradual e consistente das exportações após 1999 e de uma queda acentuada das importações desde meados de 2001, fazendo com que as compras de mercadorias do exterior recuassem para os mesmos níveis de meados da década de 90 (Gráfico 3). Embora diversos fatores afetem o desempenho do comércio externo, como o nível de atividade doméstico, a demanda externa, os termos de troca (preços de exportação e importação) e as tarifas e barreiras ao comércio, o principal motor do crescente saldo comercial desde 1999 tem sido a taxa de câmbio real efetiva, que trouxe um significativo ganho de competitividade para as exportações e impulsionou a substituição de importações por produção doméstica.

Gráfico 3
Exportações e Importações
(US\$ bilhões acumulados em 12 meses)

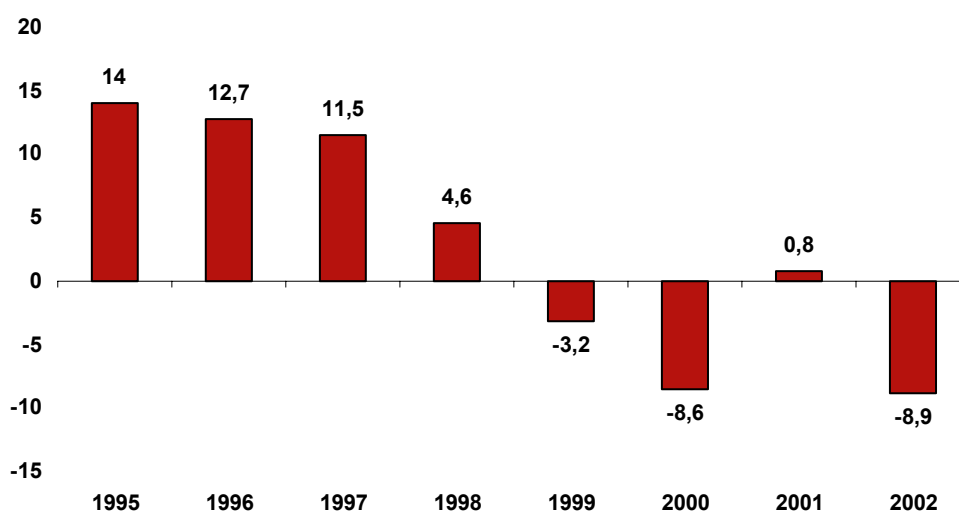


Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

5. O que são as necessidades de financiamento externo?

Ainda que o saldo da balança comercial brasileira venha-se mostrando positivo e crescente, e que haja transferências unilaterais líquidas também positivas, mas de menor importância relativa, o resultado da conta de serviços e rendas é historicamente deficitário, resultando em um saldo negativo para a conta corrente. Assim, definem-se as necessidades de financiamento externo como sendo a diferença entre o saldo em conta corrente e os investimentos estrangeiros diretos líquidos (incluindo empréstimos intercompanhias). Ou seja, correspondem à parcela do déficit de transações correntes não financiado pela entrada líquida de investimentos diretos. Quando esse ingresso líquido é mais que suficiente para cobrir o déficit em conta corrente, as necessidades são negativas, como vem ocorrendo em anos recentes (Gráfico 4).

Gráfico 4
Necessidades de Financiamento Externo
 (US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

6. O que são os Usos e Fontes do Balanço de Pagamentos?

Os Usos e Fontes de recursos do BP constituem uma forma alternativa de apresentar as contas externas, incluindo todos os itens do Balanço reorganizados, de forma a ilustrar como os recursos são supridos (Fontes) para atender às demandas de transações correntes e amortizações de empréstimos (Usos). A Tabela 1 traz os Usos e Fontes para os anos de 2000 a 2002, destacando-se como as necessidades de recursos externos diminuiriam no ano passado, em paralelo com a "retração brusca" nas fontes de financiamento do Balanço de Pagamentos.

Tabela 1
Usos e Fontes – 2000 a 2002
 (US\$ bilhões)

	2000	2001	2002		2000	2001	2002
Usos	-56,6	-58,4	-38,8	Fontes	56,6	58,4	38,8
Conta Corrente	-24,7	-23,2	-7,7	Conta Capital	0,3	0,0	0,4
Balança Comercial	-0,7	2,6	13,1	Invest. Estrangeiros Diretos	32,8	22,5	16,6
Exportações	55,1	58,2	60,4	Investimentos em Portfólio	2,8	2,2	1,8
Importações	-55,8	-55,6	-47,2	Desemb. De Méd/Longo Prazos	37,3	34,6	18,6
Serviços e Rendas	-25,5	-27,5	-23,2	Bônus, Notes e Comm Papers	18,7	17,0	6,2
Juros	-14,6	-14,9	-13,1	Crédito de Fornecedores	2,7	3,3	1,3
Lucros e Dividendos	-3,3	-5,0	-5,2	Empréstimos Diretos	15,9	14,3	11,1
Viagens Internacionais	-2,1	-1,5	-0,4	Ativos Brasileiros no Exterior	-6,6	-4,6	-5,1
Demais	-5,4	-6,2	-4,5	Empréstimos ao Banco Central	-10,4	6,6	11,5
Transferências Unilaterais	1,5	1,6	2,4	Curto Prazo e Outros	-1,8	0,3	-4,6
Amortiz. De Médio/Longo Prazos	-32,0	-35,2	-31,1	Ativos de Reservas	2,3	-3,3	-0,3

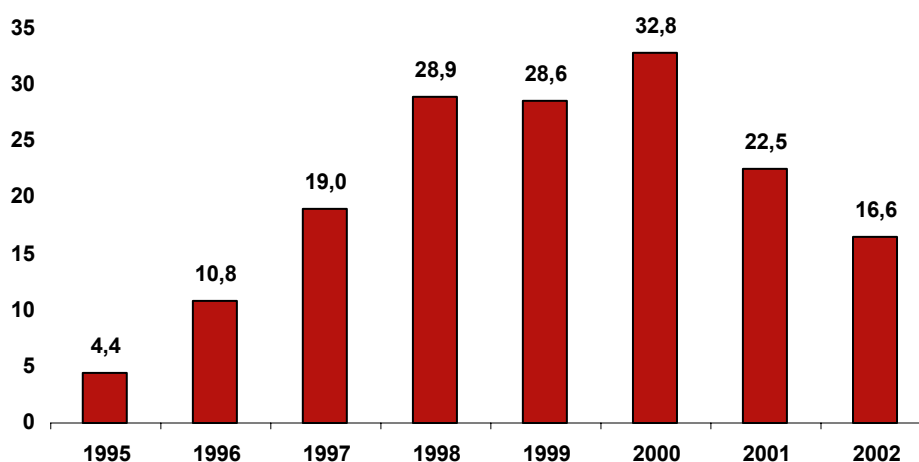
Fonte: Banco Central do Brasil

7. Qual a evolução recente dos fluxos de investimentos estrangeiros diretos (IED)?

A evolução anual do IED está apresentada no Gráfico 5, destacando-se a queda pronunciada nos últimos dois anos, após o pico histórico alcançado em 2000 (US\$32,8 bilhões). Essa queda foi causada por diversos fatores, entre os quais a própria queda dos investimentos e da demanda nas economias desenvolvidas, a maior aversão dos investidores ao risco em países emergentes, o esgotamento das oportunidades de investimento proporcionadas pelas privatizações e as incertezas associadas à transição governamental, que postergaram as decisões de investimento, particularmente nos setores que envolvem redefinição do ambiente regulatório. Destaque-se que a retração do IED não se restringe ao Brasil, atingindo com maior ou menor intensidade as demais economias emergentes.²

Para 2003, a expectativa do Banco Central é de que o IED some US\$ 10 bilhões, já apontando uma recuperação em relação ao fechamento do primeiro semestre (US\$3,5 bilhões).

Gráfico 5
Evolução do IED
(US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

8. Qual o tamanho da dívida externa? Qual sua evolução recente?

Em abril de 2003, a dívida externa brasileira era de US\$215,0 bilhões (Tabela 2). Sua evolução está representada no Gráfico 6, onde fica claro que após uma fase de crescimento acelerado entre 1990 e 1998, o endividamento externo se estabilizou (com tênue tendência de queda) desde 1999. A dívida externa de médio e longo prazos totalizava US\$192,0 bilhões na mesma data (89,3% do total), enquanto a dívida externa de curto prazo situava-se em US\$23,0 bilhões.

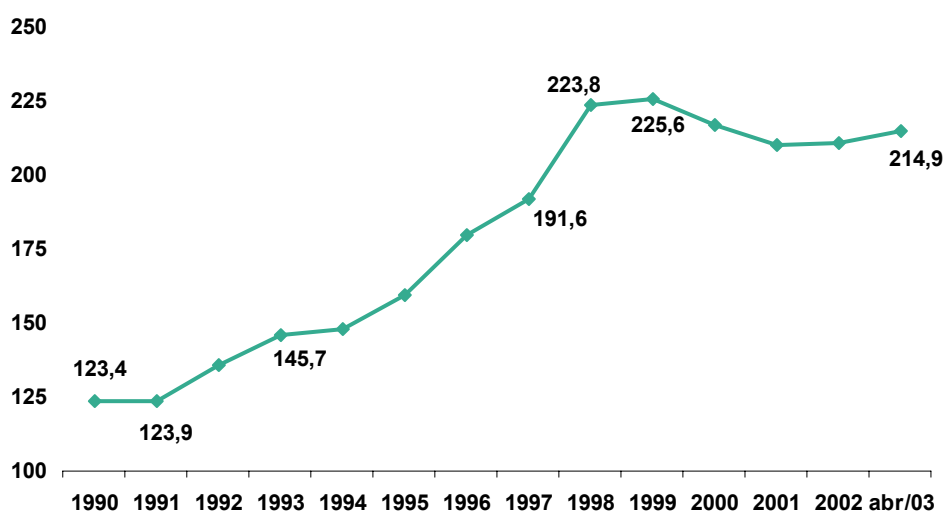
² A exceção é a China, que continua recebendo fluxos crescentes de IED.

Tabela 2
Dívida Externa Total
(US\$ milhões)

Discriminação	1998 dez	1999 dez	2000 dez	2001 dez	2002 dez	2003 abr
Médio e longo prazos	197 494	199 001	189 500	182 276	187 316	191 977
Curto prazo	26 298	26 609	27 420	27 658	23 395	22 995
Dívida Externa Total	223 792	225 610	216 921	209 934	210 711	214 972

Fonte: Banco Central do Brasil

Gráfico 6
Dívida Externa Total
(US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

9. *Que proporção da dívida externa é pública?*

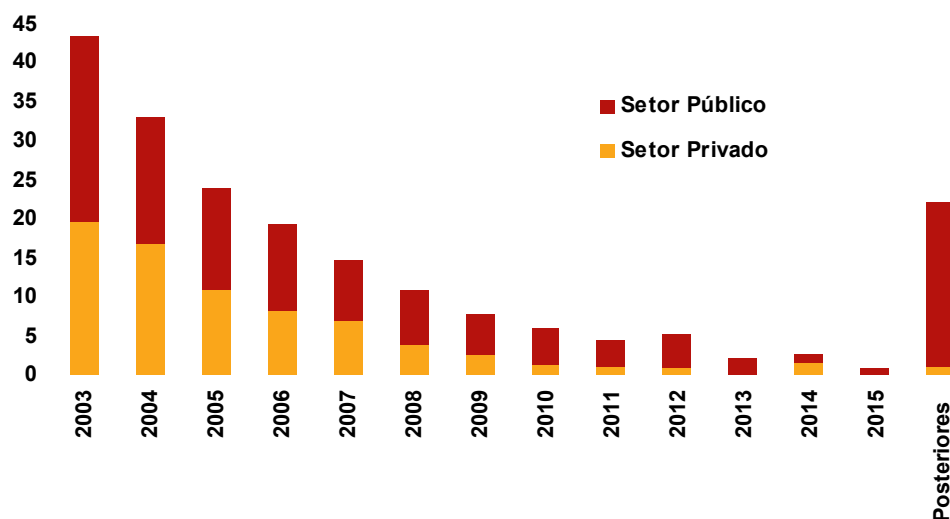
Em abril de 2003, o setor público não financeiro (que inclui o Tesouro Nacional, o Banco Central, os governos estaduais e municipais e as empresas estatais) tinha responsabilidade sobre 59,6% da dívida externa de médio e longo prazos, enquanto o setor privado e o setor público financeiro respondiam pelos 49,4% restantes. Observe-se que a participação do setor público não financeiro na dívida total de médio e longo prazos vem crescendo desde 1999 (era 48,9% em dezembro desse ano). Ou seja, a queda da dívida externa mostrada no Gráfico 6 decorre essencialmente do menor endividamento de médio e longo prazos do setor privado.

10. *Quais os pagamentos de juros e de amortizações programados para a dívida externa?*

Do total da dívida externa registrada em março de 2003, o Banco Central estima que 19,3% venceria entre abril e dezembro de 2003 e 61,0% vence até 2006, como mostra o Gráfico 7. Coerentemente com o perfil do endividamento, o calendário de amortização do principal da dívida

externa do setor público não financeiro (que é concentrada em bônus) é mais longo do que aquele referente ao setor privado (que no Gráfico 7 inclui também o setor público financeiro).

Gráfico 7
Dívida Externa Registrada - Cronograma de Amortização do Principal
(US\$ bilhões)



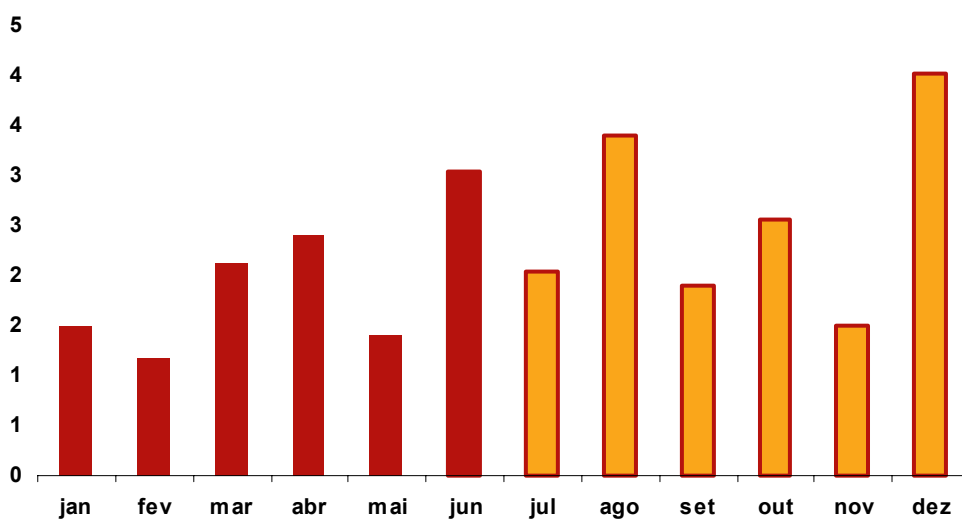
Fonte: Banco Central do Brasil

11. Qual o cronograma esperado de amortização de principal e de pagamento de juros até o final de 2003?

Os vencimentos de principal programados para 2003 estão distribuídos de maneira relativamente uniforme ao longo do ano (Gráfico 8), exceto por alguma concentração em agosto e dezembro (entre 12% e 15% do total das amortizações programadas). Os pagamentos de juros também estão bem distribuídos em 2003, como destacado no Gráfico 9, com picos em abril e outubro, devido aos pagamentos de juros dos *Brady Bonds*, e em dezembro, em função de dívidas de responsabilidade do setor privado. Ressalta-se que os Gráficos 8 e 9 consideram pagamentos efetivados até junho, e estimativas do Banco Central a partir de julho, baseadas na posição da dívida em março de 2003.

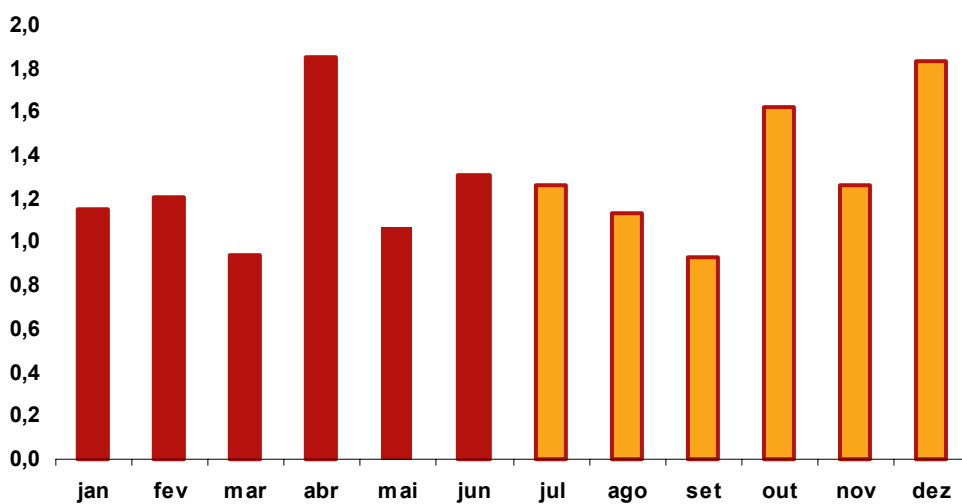
Tratando-se especificamente do setor público não-financeiro, do total de amortizações previstas para 2003 (US\$9,1 bilhões), US\$5,0 bilhões vencem no segundo semestre, enquanto dos US\$8,2 bilhões de juros a serem pagos, cerca de metade estão programados para o segundo semestre. A Tabela 3 consolida os números para 2003, apresentando os montantes já pagos no primeiro semestre e as previsões de amortizações e juros para o segundo semestre.

Gráfico 8
Cronograma de Amortização - 2003
Dívida Externa de Médio e Longo Prazos
(em US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

Gráfico 9
Cronograma de Pagamento de Juros - 2003
(US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

Tabela 3
Amortizações de Principal e Pagamentos de Juros em 2003
 (US\$ milhões)

Discriminação	2003		
	jan-jun	jul-dez	Ano1/
Pagamentos de juros	7 536	8 041	15 577
Setor Público Não Financeiro	4 101	4 148	8 249
Governo Central	3 107	3 249	6 356
Setor Privado ^{2/}	3 435	3 893	7 328
Amortizações do Principal	11 740	15 480	27 220
Setor Público Não Financeiro	4 144	4 969	9 113
Governo Central	2 219	2 728	4 947
Setor Privado ^{2/}	7 596	10 511	18 107
Total	19 276	23 521	42 797
Setor Público Não Financeiro	8 245	9 117	17 362
Governo Central	5 326	5 977	11 303
Setor Privado ^{2/}	11 031	14 404	25 435

^{1/} Previsões baseadas na posição da dívida em março de 2003.

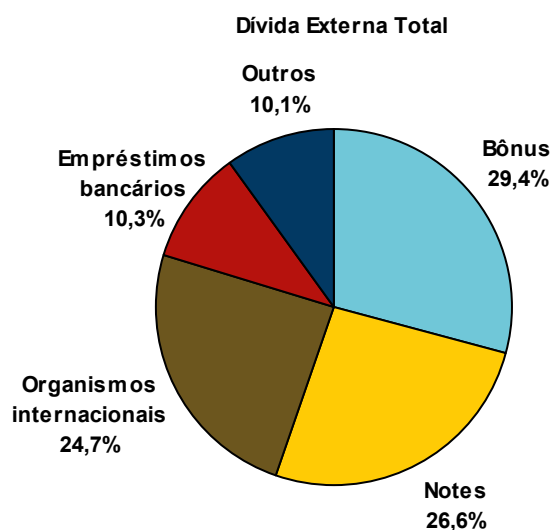
^{2/} Inclui Setor Público Financeiro

Fonte: Banco Central do Brasil

12. Qual a composição da dívida externa por instrumento?

Na posição de março de 2003, bônus da dívida e *notes* representavam a maior parte da dívida externa brasileira. A distribuição mostrada no Gráfico 10 não difere significativamente do padrão observado desde o segundo semestre de 2001. Cerca de 29,4% da dívida é constituída por meio de bônus e 24,7% de empréstimos junto a organismos internacionais, incluindo o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Estas duas categorias são majoritariamente de responsabilidade do setor público não-financeiro. Há ainda um saldo de dívida de US\$5,6 bilhões junto ao Clube de Paris, também de responsabilidade do setor público não-financeiro. Já a maior parte da dívida externa do setor privado é constituída por meio de *notes*, empréstimos bancários e créditos de fornecedores.

Gráfico 10
Dívida Externa
(março de 2003 - %)

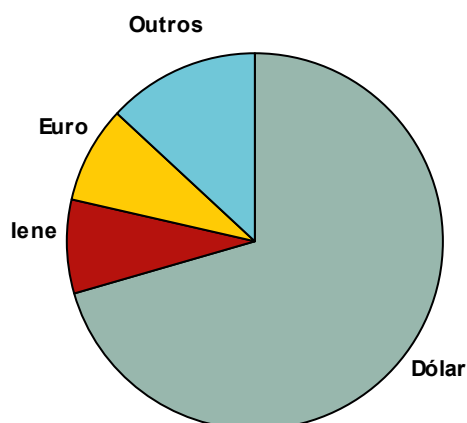


Fonte: Banco Central do Brasil

13. Qual a composição da dívida externa por moeda?

A maior parte da dívida externa está expressa em dólares norte-americanos (70,5%), enquanto o euro responde por cerca de 8% daquele total, mesma participação do iene japonês (Gráfico 11). Há ainda pequenas denominações da dívida em libra esterlina, franco suíço e dólar canadense, que não alcançam 1% do total. Cerca de 12,6% da dívida é expressa em DES (Direitos Especiais de Saque), a "moeda" do FMI.

Gráfico 11
Dívida Externa Registrada – Composição por Moeda
(março de 2003)

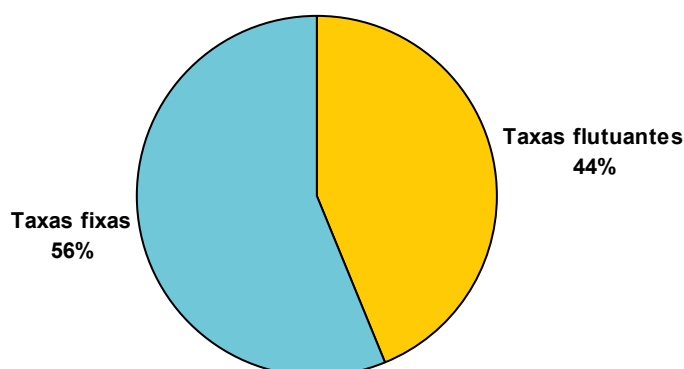


Fonte: Banco Central do Brasil

14. Que proporção da dívida externa está contratada a taxas de juros fixas?

Quanto à composição da dívida por taxa de juros, 56,2% estão contratados a taxas de juros fixas e 43,8% a taxas flutuantes (44,5% das quais vinculadas à *Libor*), na posição de março de 2003 (Gráfico 12). A parcela da dívida externa total contratada a taxas fixas era de 25% no início dos anos 90, tendo aumentado gradualmente sua participação até os níveis observados hoje.

Gráfico 12
Dívida Externa Registrada – Por Modalidade de Taxas de Juros
(março de 2003)

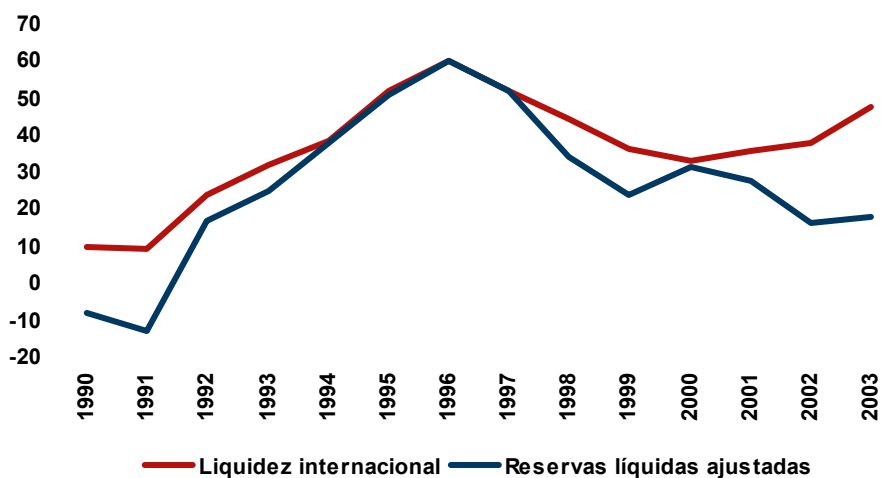


Fonte: Banco Central do Brasil

15. Qual tem sido a evolução das reservas internacionais? O que são reservas líquidas?

O Gráfico 13 traz a evolução desde 1990 da posição de reservas internacionais, sob os conceitos de liquidez internacional e de reservas líquidas ajustadas. As reservas internacionais encontravam-se em US\$48,0 bilhões em junho de 2003. Para efeito de cumprimento do critério de desempenho, no âmbito do acordo com o Fundo Monetário Internacional, devem ser observados parâmetros específicos de cálculo das reservas líquidas ajustadas. Neste caso, as reservas líquidas ajustadas (denominadas em dólar) consideram taxas de câmbio definidas em datas estabelecidas pelo Memorando Técnico de Entendimento (MTE) para mensurar os ativos denominados em outras moedas que não o dólar norte-americano, inclusive em DES. Do total das reservas líquidas devem ainda ser excluídos os depósitos em bancos domiciliados no exterior, com sede no Brasil, e os títulos de emissão de residentes, naquilo que esses valores excederem, juntos, US\$1.023 milhões. O valor excedente em junho era de US\$3,2 bilhões. Assim, seguidos os parâmetros de cálculo estabelecidos pelo MTE, as reservas líquidas ajustadas totalizavam US\$14,6 bilhões em junho de 2003.

Gráfico 13
Reservas Internacionais
 (US\$ bilhões)

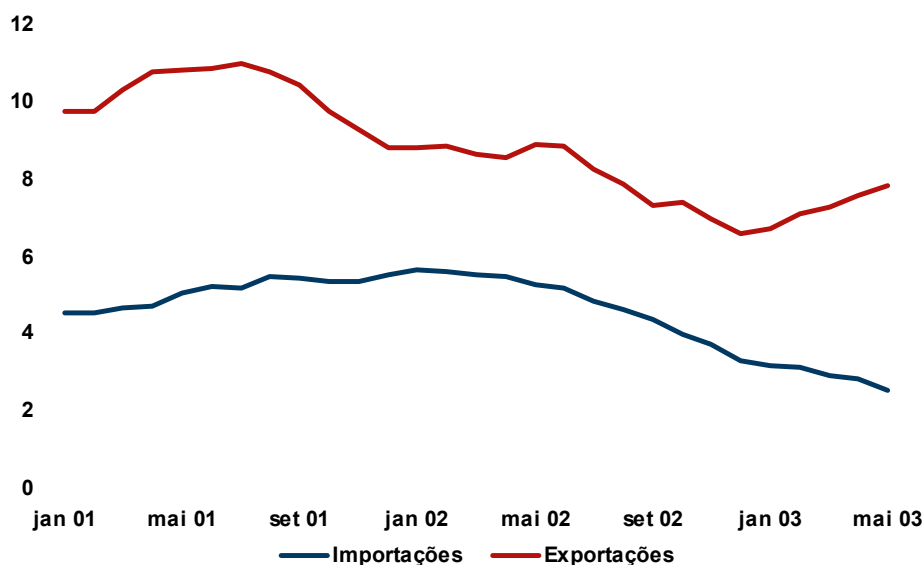


Obs: dado para 2003 até junho
 Fonte: Banco Central do Brasil

16. Qual a evolução recente das linhas de crédito comerciais banco a banco?

O Gráfico 14 apresenta a evolução das linhas de crédito para exportação e importação operadas entre bancos desde o início de 2001. Observe-se como as linhas recuaram a partir de terceiro trimestre de 2001, em larga medida pelo contágio da crise Argentina. Essa tendência se aprofundou ao longo de 2002, em decorrência das incertezas oriundas da transição política. Desde o início de 2003, entretanto, a oferta de linhas comerciais tem sido gradativamente restabelecida. Não obstante, é possível que a retração das importações, causada pelo ajuste da taxa de câmbio, esteja provocando uma menor demanda por financiamentos, hipótese que parece confirmada pelos dados do estoque de linhas para importação.

Gráfico 14
Linhas de Crédito Banco a Banco
 (US\$ bilhões)



Fonte: Banco Central do Brasil

17. Onde posso obter maiores informações e dados atualizados?

O Banco Central publica mensalmente a “Nota para a Imprensa - Setor Externo”, com quadros contendo o detalhamento das contas do Balanço de Pagamentos, as reservas internacionais e a dívida externa brasileira, incluindo o cronograma atualizado de amortizações e pagamento de juros. Acesse a “Nota para a Imprensa - Setor Externo” no endereço <http://www.bcb.gov.br/mPag.asp?perfil=1&cod=137&codP=769&idioma=P>.

Para encontrar as séries de dados e atualizar os gráficos aqui expostos, pode-se recorrer às *séries temporais* disponíveis na página do Banco Central na internet, em <http://www.bcb.gov.br/mPag.asp?cod=766&Perfil=1&codP=0&idioma=P>, seleção por assunto ⇒ Setor externo. As séries temporais dispõem ainda de uma base de dados específica para o Balanço de Pagamentos e para o Investimento Estrangeiro Direto em seleção por assunto ⇒ Séries especiais.

O Banco Central também disponibiliza planilhas em Excel com os principais indicadores econômicos em <http://www.bcb.gov.br/pec/Indeco/Port/indeco.htm?perfil=1>. Os indicadores de Balanço de Pagamentos encontram-se no Capítulo V.

Série "Perguntas Mais Frequentes"

Banco Central do Brasil

1	Juros e <i>Spread</i> Bancário	05/2003
2	Índices de Preços	05/2003
3	Copom	05/2003
4	Indicadores Fiscais	05/2003
5	Preços Administrados	05/2003
6	Gestão da Dívida Mobiliária e Operações de Mercado Aberto	05/2003
7	Sistema de Pagamentos Brasileiro	05/2003
8	Contas Externas	08/2003

Diretor de Política Econômica

Afonso Sant'Anna Bevilaqua

Coordenação

Pedro Fachada

Equipe

André Barbosa Coutinho Marques

Carolina Freitas Pereira

César Viana Antunes de Oliveira

Juliana Kozak Nóbrega

Luciana Valle Rosa Roppa

Marcelo Casal de Xerez

Maurício Gaiarsa Simões

Riva Rossini y Albernaz

Shad Turney